

Países do mundo todo estão se preparando para a COP 15, evento que ocorrerá em Paris no final deste ano para tentar estabelecer – mais uma vez – mecanismos que reduzam as emissões de gases de efeito estufa, sempre objetivando mitigar o aquecimento global que, se efetivamente ocorrer, produzirá grandes danos à agropecuária e à produção de alimentos em geral.

Estudos realizados no Observatório ABC ligado à Fundação Getúlio Vargas indicam que o uso de tecnologias adequadas no campo brasileiro tendem a desempenhar um papel expressivo na obtenção dos resultados pretendidos, levando o Brasil a se tornar um líder mundial na redução das emissões. Programas como a integração lavoura/pecuária/floresta já vem alcançando números satisfatórios nesta direção, inclusive numa região suscetível como a Amazônia...

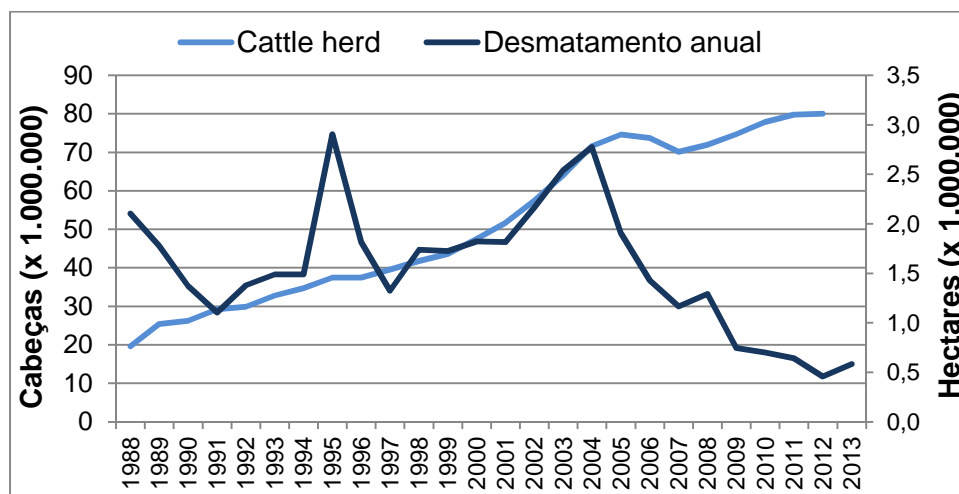
Recente trabalho dos técnicos da EMBRAPA, Judson Valentim e Carlos Maurício de Andrade, refletem esta tendência de maneira clara no setor da pecuária de corte no norte do país.

Usando dados dos Censos Agropecuários do IBGE os pesquisadores verificaram que entre 1975 e 2006, a área de pastagens na Amazônia Legal cresceu 169%, passando de 20 milhões de hectares para 55 milhões. Mas o mais importante é que as pastagens cultivadas saltaram de 5,4 milhões para 42,6 milhões de hectares, com aumento de 690%. Já em 2006 as cultivadas eram 78% de todas as pastagens da Amazônia. No mesmo período, o rebanho bovino da região foi de 7 milhões de cabeças para 59 milhões, um crescimento de 741%. E dados de 2013 mostram um rebanho de 81 milhões de cabeças, correspondendo a 38% do total brasileiro. Ora, fica evidente que caiu a área de pastagem nativa, viabilizando uma melhor lotação das plantadas. Com efeito, a lotação era de 0,3 cabeça/ha em 1975 passou para 1,1 cabeça/ha em 2006, aumentando 216%.

Todos estes saltos foram obtidos com tecnologias introduzidas na região, começando com novos cultivares de gramíneas e leguminosas forrageiras, sempre buscando mais adaptabilidade às condições edafoclimáticas da região, oferecendo melhor qualidade de forragens que as dos pastos nativos. Mas outros itens foram igualmente fundamentais, como os melhores padrões de manejo das pastagens, melhor genética animal (com cruzamento industrial), mais preocupação com a questão sanitária, avanços na infraestrutura e logística, e na formação de recursos humanos mais bem treinados, suplementação mineral, instrumentos de gestão, melhor comunicação, etc.

Os avanços foram acompanhados por redução do desmatamento, como mostra o quadro abaixo.

Comparação entre desmatamento e aumento da produção pecuária na Amazônia Legal



Fonte: Ministério do Meio Ambiente e IBGE. Elaboração: ThinkAgro FGV

Portanto, está claro que a tecnologia permite melhor produção sem demandar mais desmatamento, exatamente o que se deseja do país, na COP15.

E ainda há muito a fazer. Os produtores mais avançados da região já alcançam lotação de 3 cabeças por hectare em vários estados da Amazônia Legal. Se todo mundo usasse esta mesma tecnologia, seria possível dobrar o atual rebanho, indo para 160 milhões de cabeças, sem derrubar uma única árvore. Este é o desafio a ser enfrentado, com tecnologia alavancando o desenvolvimento sustentável, especialmente com programas do Plano ABC.

Pena que, no excelente Plano da Safra anunciado em junho passado, os recursos para o ABC caíram de 4,5 bilhões de reais para 3 bilhões. É um passo atrás nos avanços necessários.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**